

GNL: **O CAMINHO LÍQUIDO** **PARA O CAOS CLIMÁTICO**

10 razões para o gás fóssil liquefeito ser a escolha errada para a Europa

INTRODUÇÃO

O “Gás Natural Liquefeito” (GNL) tem sido objeto de grande atenção. O custo do gás fóssil tem aumentado desde 2021 e a terrível invasão da Ucrânia por parte das forças russas obrigou os governos a tentar arranjar formas de terminar com a dependência europeia dos combustíveis fósseis russos. Em conjunto com a necessidade de acabar com a dependência de combustíveis fósseis o mais rapidamente possível de forma a mitigar os impactos das alterações climáticas e manter o aquecimento global abaixo dos 1,5 °C, estas situações criaram algum burburinho em torno do GNL. Mas afinal o que é o GNL e porque é que é tão importante? Este relatório pretende fazer soar o alarme sobre a implantação de GNL na Europa, como uma tentativa de deter preocupações com a segurança energética. O documento apresentará dez argumentos-chave que demonstram os maiores problemas que o GNL representa.

Mas, primeiro, uma explicação sobre o que é realmente o GNL.

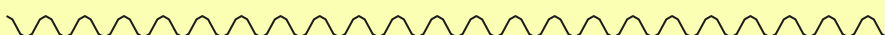
O GNL refere-se ao gás fóssil que é transportado não em formato gasoso através de condutas de gás, mas refrigerado a 162 °C negativos, o que o torna liquefeito e transportado a longas distâncias em navios. Isto significa que quando falamos de GNL na Europa, referimo-nos a gás que é extraído, convertido à sua forma líquida e transportado pelo oceano, convertido novamente à sua forma gasosa e depois bombeado para a rede de gás europeia, para aquecer e arrefecer casas e alimentar energeticamente atividades industriais.

As importações de **GNL perfizeram 20,5% do consumo de gás fóssil na Europa em 2021** [\[1\]](#) e, com a pressão para terminar com as importações de gás russo, os governos estão agora a procurar GNL de fontes não-russas para responder à demanda.

A mobilização para deixar de depender do gás russo é necessária e urgente para ajudar a acabar com a guerra na Ucrânia, ao reduzir os lucros que Putin pode usar para a sua máquina bélica. No entanto, **devemos ter cuidado para não deixar que preocupações sobre as demandas energéticas a curto-prazo levem a Europa a ficar refém de negócios caros e a longo-prazo que prendam os consumidores a infraestruturas de combustíveis fósseis e dependências energéticas ainda mais sujas no futuro.**

O uso de gás fóssil a longo-prazo é incompatível com um clima seguro e isto necessita de ser o ponto fulcral para fazer com que a Europa deixe os combustíveis fósseis de uma vez por todas.

Este relatório oferece contra-argumentos sobre o papel superinflacionado em que se está a posicionar o GNL no futuro energético europeu e demonstra que, ao contrário do que se faz parecer, o GNL é uma distração perigosa da transição energética justa de que o planeta precisa.



O GNL NÃO IRÁ TERMINAR COM A DEPENDÊNCIA EUROPEIA DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Numa tentativa de escapar aos combustíveis fósseis russos, a Europa pretende importar gás de outra fonte. No entanto, diversificar as fontes de GNL simplesmente substitui a dependência de um combustível fóssil por outro.

Países como os Estados Unidos da América (E.U.A.), Nigéria, Catar e Argélia estão a ser sugeridos como fornecedores-chave de gás fóssil para a Europa. O aumento da dependência destes países para a energia simplesmente fará com que o continente se prenda a outros fornecedores de energia fóssil, em vez de trazer autonomia energética para a Europa. Adicionalmente, a ameaça da Europa exportar a sua insegurança energética para outros países é também em si uma preocupação - os países europeus terão de oferecer mais dinheiro do que outros países para conseguir acesso a novos fornecimentos e contratos de gás -, essencialmente definindo o seu custo e excluindo outros países, que acabarão em precariedade energética [2]. Em alternativa, uma União Europeia (UE) com reduzido uso de gás fóssil, numa fase mais adiantada de eliminação deste combustível fóssil, poderia estar, neste momento, numa posição muito melhor para tornar-se independente energeticamente através de soluções limpas, acessíveis e justas - não só reduzindo as preocupações de dependência energética, mas também contribuindo para a mitigação das alterações climáticas. A Europa precisa de se afastar completamente do GNL, e não ficar presa a novas cadeias de fornecimento.

As conversações sobre a diversidade no fornecimento de gás têm marcado uma presença ávida na agenda da UE já há vários anos, precisamente depois das crises de gás da Ucrânia e Rússia em 2006 e 2009 e da anexação da Crimeia em 2014.

Ainda assim, apesar dos milhares de milhões de euros investidos em mais condutas de gás e terminais de importação de GNL para permitir o fluxo de gás não-russo na Europa, a **quota de gás russo na UE aumentou na última década [3,1]** e a dependência do gás agravou-se.

Para além das várias condutas de gás que trazem o gás russo para a Europa, a Gazprom, a maior empresa estatal de gás russa, também se tornou numa das maiores fornecedoras de GNL para a UE. Tendo em conta que os preços de gás e GNL por parte da Rússia são baixos quando comparados com outras fontes, a Europa tem vindo a virar-se para fonte de gás mais barata possível, bloqueando-se a si mesma numa dependência profunda dos combustíveis fósseis de um país que provoca a guerra e que usa as receitas dos combustíveis fósseis para a financiar. **O preço baixo dos fornecedores de gás russos é crítico, porque enquanto a Europa permanecer dependente de GNL, poderá voltar a ficar presa a estas importações no futuro..** Se a Europa continuar a procurar mais GNL a curto-prazo, arrisca-se a que, no futuro, o gás barato de origem russa volte, ou continue a circular na Europa, levando-nos de volta à estaca zero. Até agora, não existe nenhum plano ou acordo legal para desativar as condutas de gás da Rússia ou bloquear permanentemente os fluxos de GNL russo, deixando esta possibilidade em aberto.

O NOVO GNL NÃO ABORDA A CRISE ENERGÉTICA ATUAL E IRÁ ATRASAR A TRANSIÇÃO JUSTA

Os projetos de novas infraestruturas de GNL não irão fornecer gás no futuro imediato.

Os novos projetos de GNL são apresentados como uma solução rápida à iminente crise de fornecimento de gás, particularmente se a UE ou a Rússia fecharem a torneira de gás fóssil. Contudo, **os pedidos para a nova infraestrutura de GNL não irão produzir gás no futuro mais imediato** [4]. Os terminais de GNL demoram vários anos a serem construídos e a tornarem-se operacionais. Em média, a construção de terminais de exportação de GNL nos EUA leva entre três a cinco anos após a decisão de investimento final [5]. **Esta linha temporal não contribui para resolver os constrangimentos energéticos da Europa a curto-prazo, mas sim para nos distanciar ainda mais de uma transição energética limpa.** Além disso, os terminais de GNL e as suas condutas têm sido re-calendarizadas e repetidamente adiadas [6,7], apesar do estatuto de prioridade e de subsídios. Enquanto isso, milhões de euros foram engolidos por alguns, mesmo no caso dos projetos que foram depois cancelados [8,9]. O GNL não conseguiu provar ser uma solução rápida para a diversificação da demanda de gás fóssil na Europa no passado - e este mesmo erro não deverá ser cometido novamente.

Milhares de milhões de euros foram gastos em combustíveis fósseis. **Cada euro gasto em gás fóssil significa um euro a menos para a transição para as energias renováveis.** O dinheiro dos consumidores da UE, e contribuições de impostos, como é o caso dos fundos do Mecanismo Interligar a Europa (MIE), disponíveis no Plano de Recuperação da UE ou através da Política de Coesão da UE, seriam muito melhor gastos em soluções limpas, justas e acessíveis que oferecem segurança energética e soberania à Europa, bem como ajudariam a mitigar as alterações climáticas. Para além disso, **cada por cento de energia poupada contribui para cortar as importações de gás em 2.6%** [10]. Este seria gás que a UE “nunca mais” teria de importar!

O HIDROGÉNIO TAMBÉM NÃO É SOLUÇÃO

The discussion around LNG infrastructure inevitably brings with it the mention of hydrogen. Many decision makers claim that LNG terminals and gas pipelines can easily be used for hydrogen at a later stage, attempting to address the concern that a fossil gas build-out will create costly stranded assets in the future when we are meant to be running only on clean energy.

O conceito de condutas e terminais “prontas para hidrogénio” é, no entanto, enganoso. A terminologia não só dá legitimidade à indústria do gás fóssil para continuar a sua expansão, como para atividades hidrogénio alimentadas por gás fóssil e para, eventualmente, atividades de hidrogénio alimentadas por energia renovável... mas os especialistas afirmam que tornar um terminal de importação de GNL em terminal de hidrogénio é quase impossível [11,12]. Além disso, apesar de ser tecnicamente possível adaptar as condutas de gás fóssil para transportar hidrogénio, este empreendimento arrisca-se a falhar em muitos cenários.

O hidrogénio é uma molécula muito pequena, com uma pressão e requisitos materiais diferentes do gás fóssil, e se as condutas de gás não estiverem preparadas de acordo com estas características, o hidrogénio correrá o risco de vazar. Adicionalmente, locais onde é gerado e consumido o hidrogénio verde possivelmente divergem bastante de onde o gás fóssil é extraído e consumido atualmente, tornando esta troca de infraestrutura direta improvável. Acresce que, no futuro, se a rede de gás atual fosse substituída por hidrogénio, provavelmente existirão muito menos consumidores de hidrogénio, resultando num sistema sobredimensionado de infraestrutura.

Um futuro de hidrogénio é bastante apoiado pela indústria do gás fóssil [13] e com ele **chegam inúmeras incertezas. Não pode ser utilizado como uma desculpa para sobredimensionar a rede de gás europeia com condutas e terminais que terão pouco ou nenhum uso para o hidrogénio no futuro.**

PONTO 03

MAIS GNL SIGNIFICA UM APRISIONAMENTO AO GÁS FÓSSIL E MAIS INFRAESTRUTURAS PARA COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Olhar para o GNL como uma solução a médio-, ou mesmo longo-prazo, e escutar conselhos vindos do coro da indústria dos combustíveis fósseis [14], corre o risco de desencadear uma autêntica cascata de infraestruturas fósseis dispendiosas.

Apostar em mais GNL será usado para justificar a construção de infraestruturas de exportação [15] na forma de condutas e terminais de liquefação, bem como infraestruturas de importação na forma de terminais de regaseificação de GNL terrestres ou flutuantes. A indústria do transporte de gás fóssil já começou a pedir um aumento na capacidade de condutas em toda a UE para transportar o gás importado com GNL (ex. no caso da conduta MidCat [16]). Projetos de fluxo inverso para transportar gás da Europa Ocidental, onde a maioria dos terminais de GNL estão localizados, para a Europa de Leste, estão também a ser impulsionados pela indústria. Construir esta infraestrutura não só acarreta custos muito elevados, como também deverá demorar anos até se tornar operacional, sendo a sua necessidade mais que questionável.

O Relatório Europe Gas Tracker de 2022 [7] identifica 26 propostas de terminais de importação de GNL, aumentando a sua capacidade para 100 mil milhões de metros cúbicos de GNL por ano. Esta estimativa nem sequer inclui os planos para mais terminais flutuantes que correm em rumores. Vários projetos de GNL na Alemanha, como o Brunsbüttel LNG e Wilhelmshaven LNG, em Itália, com o Porto Empedocle LNG, ou na Polónia, com a expansão do Swinoujscie LNG terminal e com a construção do novo Gdansk LNG, ou o Eemshaven LNG nos Países Baixos, têm vindo a ser recuperados do arquivo ou propostos novamente nos últimos meses. Com mais vontade política para mover a Europa para longe do gás russo, além dos compromissos climáticos da UE,

fica claro que a demanda de gás fóssil na UE deverá e irá inevitavelmente diminuir na sua generalidade [7]. Uma série de infraestruturas de gás fóssil irá prender as pessoas europeias a preços de gás voláteis e irá forçá-las a pagar uma rede sobredimensionada que será ainda mais cara de operar e manter.

Para além dos pedidos para nova infraestrutura, também têm surgido pedidos para aumentar as importações de GNL para a Europa através de novos acordos contratuais com fornecedores - trazendo aumentos de importações de GNL de atuais fornecedores ou trazendo novos fornecimentos de GNL para a Europa. No entanto, novos acordos de GNL que nos prendem em contratos de longo-prazo deverão ser seriamente questionados. **A decisão de tratar a atual insegurança energética europeia com elevadas quantidades de GNL corre o risco de criar perigosos aprisionamentos de longo-prazo.** De forma a tornar a expansão de capacidade de GNL mais atrativa, os fornecedores poderão negociar contratos com a duração de 10, ou até 20 a 25 anos [17] e uma conta de fornecimento multi-bilionária. O proponente do gás fóssil Gas Infrastructure Europe (GIE), por exemplo, foi rápido a lançar um apelo para contratos de GNL a longo-prazo [14] de forma a aproveitar a insegurança energética que se vive na Europa. No entanto, mesmo antes do escândalo sobre os preços da energia, o GNL estava mais caro que o gás fóssil de conduta e o preço de ficar preso a Combustíveis fósseis através da construção de terminais de importação e condutas de GNL irá fazer com que aumente consideravelmente. Um aprisionamento a gás fóssil,

neste momento, significa um caminho para ainda mais infraestrutura de combustíveis fósseis no futuro, uma jogada que será completamente incompatível com os compromissos climáticos europeus ou com o Acordo de Paris, da Organização das Nações Unidas.



“Falar sobre o renascimento de um projeto fóssil, morto e enterrado há anos pela mobilização territorial de ativismo ambiental, é um dos maiores pesadelos de qualquer ativista climático. O MidCat, a conduta de gás que ligaria a Catalunha ao sul de França, não é uma solução a curto-prazo e o seu desenvolvimento demoraria entre 3 a 6 anos. No cenário mais favorável, em 2025, seria capaz de transportar menos de 5% da procura atual de gás russo, e 2,2% da procura total de gás pela UE. Também o hidrogénio verde, que a indústria promete que fluirá pelo MidCat no futuro, não se pode tornar um pretexto falso que reforça o papel do gás fóssil e um investimento em mais infraestrutura desnecessária.”

MARINA GROS BRETO
Ecologistas en Acción



PONTO 04

O GNL É MAU PARA O AMBIENTE

O clima está a alterar-se devido à extração e exploração humanas do planeta e dos seus recursos. O mais recente relatório do IPCC apela a uma urgente redução das emissões globais de forma a evitar alterações climáticas exacerbadas [18]. Isto significa re-imaginar completamente os sistemas energéticos atuais para planear uma transição justa que tire o planeta da dependência dos combustíveis fósseis.

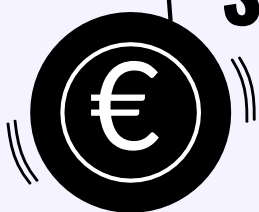
O GNL é gás fóssil, e o gás, em todas as suas formas, é feito de metano, um gás de efeito de estufa muito perigoso que é 86 vezes mais prejudicial do que o dióxido de carbono num período de 20 anos [19]. Como se isto não bastasse, o gás também liberta dióxido de carbono quando em combustão, contribuindo a longo-prazo para a poluição do planeta [20]. Em janeiro de 2022, foram importados pela Europa 8.1 milhões de toneladas de GNL, causando emissões de 46 milhões de toneladas de dióxido de carbono, equivalente a um ano de emissões de 10.5 centrais elétricas a carvão [21,22].

O GNL é particularmente mau para o ambiente devido à sua longa e complexa cadeia de fornecimento, o que significa mais oportunidades para vazarem os perigosos gases com efeito de estufa. O processo de liquefação é considerado como a parte mais propensa a fugas e emissões de metano, logo seguida do transporte de GNL [23]. Além disso, porque muitas das importações de GNL para a Europa transportam gás de fratura hidráulica (fracking) - uma das formas mais poluentes e nocivas de extrair gás, o GNL torna-se especialmente poluente. Imagens recentes

Obtidas com sensores infravermelhos mostram claramente fugas de metano em supostos navios “verdes” de GNL [24], o que reforça as conclusões recentes de que as fugas de metano são muito piores do que inicialmente se suspeitava [25], ou altamente sub-declaradas, como no Golfo - onde a Europa está a sondar potenciais novos fornecedores de GNL [26]. **Investir em mais GNL agora é aumentar a participação da Europa nas emissões de gases de efeito de estufa perigosos, apoiando exatamente o oposto do que precisamos neste momento para mitigar as catastróficas alterações climáticas.**

Mais, os governos estão insuficientemente equipados para lidar com estas emissões de metano. Ainda há muito pouco conhecimento sobre as dimensões do problema - as emissões de metano são regularmente subestimadas e a IEA constatou que as emissões de metano relacionadas com a energia são 70% mais elevadas do que as declaradas [27]. Se isto não for verificado, **o GNL continuará a fazer com que a Europa seja responsável por perigosas emissões de gases de efeito de estufa, que ainda não são sequer conhecidas.**

PONTO 05



O GNL NÃO SERVE QUEM SOFRE DE POBREZA ENERGÉTICA

Entre 2019 e 2021, o preço grossista do gás fóssil na UE aumentou em média mais de 400% [28]. No mesmo período, o preço grossista da eletricidade subiu em média 200%, porque os mercados de eletricidade europeus são cotados com base na fonte de energia mais cara.

Este aumento de custos resultou de vários fatores, como os fornecedores, a COVID-19, e outros relacionados com o estado do tempo. Isto traduziu-se em contas elevadas para consumidores de energia em todo o continente e os grupos mais pobres na Europa são quem sente estas tarifas voláteis de forma mais intensa, pois as suas faturas energéticas tendem a ser a maior proporção das suas despesas mensais [29]. Para os agregados familiares mais vulneráveis que pagam o preço do vício europeu em combustíveis fósseis, são necessárias ações para os proteger a curto-prazo, como abolir os cortes de ligação e as taxas extraordinárias e a imposição de preços máximos e regulados [30].

Novas infraestruturas de GNL nada farão para acabar com o aumento de preços de energia para consumidores europeus. Ainda assim, a indústria do gás está a tentar vender o gás fóssil como uma solução para a pobreza energética, distribuindo caldeiras de gás pelas casas, prendendo as pessoas às infraestruturas de combustíveis fósseis por pelo menos 15 a 20 anos. Com um sistema de comércio de emissões (Emission Trading Scheme) regressista face a construções e transporte e com as energias renováveis a tornarem-se cada vez mais acessíveis, isto poderá significar que os agregados familiares mais pobres terão de pagar o preço da nossa transição justa. A indústria do gás tem negligenciado a proteção de quem é pobre energeticamente e parece que o cenário tende piorar para os grupos mais vulneráveis

prendendo-os a mais gás fóssil. Esta corrida desenfreada ao GNL poderá legitimar as tentativas da indústria do gás de prender a combustíveis fósseis quem sofre de pobreza energética, beneficiando apenas a indústria. A transição para uma energia justa, limpa e acessível deverá ser equitativa, não deixando ninguém para trás, transformando os sistemas energéticos para beneficiar as pessoas e o planeta.

Adicionalmente, a Europa já estava a falhar na resposta das necessidades energéticas das pessoas ainda antes deste aumento de preços. O gás provou ser pouco fiável e uma fonte de energia cara, não conseguindo responder às necessidades das pessoas europeias. Em 2019, estimou-se que 1 em cada 4 agregados familiares (mais de 50 milhões de indivíduos na Europa), não conseguia pagar aquecimento, arrefecimento ou luz adequados nas suas casas [31], um número que deverá aumentar drasticamente com os novos constrangimentos de preços. Entretanto, a fatura de fornecimento de gás importado da UE e do Reino Unido já acumula 75-100 mil milhões de euros todos os anos [32]. Só em 2021, a conta de gás importado da UE chegou a mais de 120 mil milhões de euros, face a 40 mil milhões de euros em 2020 [1]. Isto traduz-se em bilhões direcionados para os combustíveis fósseis e para importações de gás, em vez de investidos em soluções que priorizam quem está em pobreza energética e uma transição energética justa.



"Isto nunca foi mais claro: o nosso sistema energético dominado por combustíveis fósseis falhou para com as pessoas e para com o planeta. O GNL não consegue nada para além de atrasar as soluções reais para enfrentar a pobreza energética, como as renovações subsidiadas e esquemas de energias renováveis que tanto precisamos em toda a Europa. Está na hora de passar o poder para as pessoas (literalmente), longe dos gigantes do gás fóssil, para subsidiar energias renováveis para aqueles que vivem em pobreza energética. Só assim podemos mudar a narrativa de vítimas passivas presas aos combustíveis fósseis, para consumidores ativos de energia limpa e acessível."

MARTHA MYERS

Energy Poverty Campaigner,
Friends of the Earth Europe



O GNL CONTINUARÁ A RENDER LUCROS CRESCENTES PARA AS INDÚSTRIAS DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

O aumento do custo do gás e, subsequentemente, da eletricidade, colocou milhões de pessoas por toda a Europa sob uma pressão financeira muito significativa. No entanto, nem todos ultrapassam as mesmas dificuldades, existem identidades que estão a lucrar, nomeadamente a indústria dos combustíveis fósseis e fornecedores de energia.

As diferentes restrições de fornecimento fizeram do gás uma mercadoria valiosa, e isso levou os preços a subir, o que por sua vez **resultou em lucros enormes para a indústria de combustíveis fósseis**. Entre Julho e Setembro de 2021, à medida que os preços do gás começaram a subir, os 20 maiores produtores de gás do mundo obtiveram lucros de 65 mil milhões de dólares [33]. Nos EUA está previsto que a indústria do petróleo e do gás chegue a ter lucros entre os 37 e os 126 mil milhões de dólares, somente no ano de 2022 [34].

E estes são apenas os lucros que são resultado direto do aumento do preço do gás fóssil. **A indústria vai continuar a lucrar se os governos prescreverem mais infraestruturas de gás como "cura" para os atuais desafios energéticos**. Se a indústria conseguir **prender os governos** a contratos de fornecimento de longo prazo, poderá assegurar o financiamento dos seus sórdidos combustíveis fósseis nos próximos anos. Com a atual pressão sobre o fornecimento de energia e

o aumento do custo do gás fóssil a nível global, os países ajudarão a aumentar ainda mais os custos uma vez que licitam para aceder a este recurso limitado – tornando-o, assim, mais rentável para a indústria.

A indústria dos combustíveis fósseis mentiu sobre a sua contribuição para as alterações climáticas [35,36], atrasando a transição para soluções reais, e continuam a adiar, a distrair e a diluir as políticas europeias que procuram proporcionar uma transição para energia verde [13]. Os lucros contínuos no sector dos combustíveis fósseis significam apenas uma coisa: um apoio contínuo a um sistema energético que alimenta a crise climática. A Europa está a galhofar sobre a ação climática ao permitir que a indústria dos combustíveis fósseis lucre astronomicamente nos dias de hoje, e a tomar decisões que garantam os mesmos resultados no futuro. Simultaneamente, a crise climática agrava-se, e um futuro habitável é uma realidade ainda mais distante.

PONTO 07



O GNL IMPULSIONA A FRATURAÇÃO HIDRÁULICA: UM DESASTRE PARA A NOSSA SAÚDE E O MEIO AMBIENTE



O gás fóssil pode ser extraído de duas formas. A primeira refere-se a uma extração convencional, que consiste em extrair gás de poços naturais existentes debaixo das rochas ou no fundo do mar. O segundo processo, correntemente designado como não-convencional, é superiormente mais prejudicial para o ambiente (e o clima), e é globalmente conhecido como *fracking* (fraturação hidráulica).

O fracking designa um método de extração brutal e destrutivo, que implica injetar quantidades enormes de água misturada com químicos em formações geológicas. Estudos comprovam que o fracking contamina as águas, polui o ar, ameaça a saúde pública, provoca terremotos, prejudica economias locais e diminui o valor das propriedades [37]. O fracking e as infraestruturas de gás afetam desproporcionalmente as comunidades de rendimento baixo, como também as comunidades de cor [38] e os grupos indígenas [39]. Os produtos químicos – nomeadamente os **Poluentes Orgânicos Persistentes (POPs)** usados no processo de fracking [40] – demonstraram causar impactos significativos na saúde das comunidades afetadas, que variam entre dores de cabeça, náusea, asma, pneumonia ou problemas na pele, até doenças oncológicas ou defeitos congénitos [41]. A maioria do GNL importado para a Europa é gás proveniente da fraturação hidráulica – um desastre para o clima como também para a nossa saúde e (o nosso) meio ambiente.

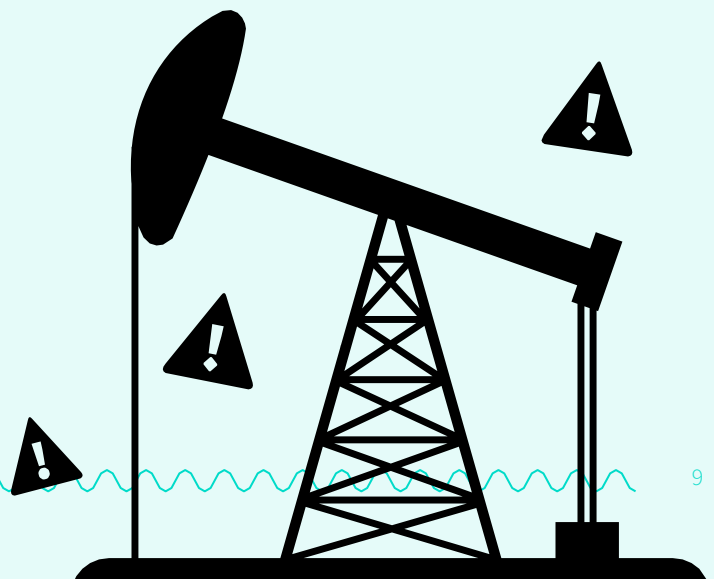
Os EUA são atualmente o principal fornecedor de GNL da Europa, e, com a declaração conjunta dos líderes da UE e EUA a confirmar as suas intenções de transportar mais 50 mil milhões de metros cúbicos de GNL para a Europa até 2030 [42], o papel do GNL dos EUA deverá tornar-se ainda mais importante nos próximos anos - uma realidade extremamente alarmante uma vez que o GNL dos EUA exportado para a EU é quase na sua íntegra gás de fracking. [43]. A importação deste GNL nocivo torna a Europa cúmplice de um sistema que inflige danos à comunidade e destrói o meio ambiente para tentar saciar a fome de combustíveis fósseis na Europa.



“A Administração Biden e a UE estão a preparar-se para dar luz verde à indústria fóssil que irá transformar a Costa do Golfo numa “zona de sacrifício” para processos de fraturação hidráulica (fracking). Em Port Arthur, Texas e outras cidades da Costa do Golfo, sofremos décadas de poluição, com riscos extremos para doenças oncológicas, cardiológicas e pulmonares. Nós carregamos o fardo, e não recebemos benefícios, nenhum trabalho, nenhum negócio ou melhoria alguma da qualidade de vida. Vamos resistir e retaliar, e deixaremos de ser sacrificados em prol do petróleo e do gás.”

JOHN BEARD, PORT ARTHUR

Community Action Network



PONTO 08

O GNL ALIMENTA OS CONFLITOS

As ligações entre os combustíveis fósseis e a guerra tornaram-se perfeitamente explícitas na Europa à luz da invasão russa na Ucrânia. Com a Rússia a fornecer 40% do gás importado para Europa, um montante muito significativo continua a entrar nos “bolsos” de um regime que está a travar uma violenta guerra contra a Ucrânia.

A elevada dependência da Europa em relação ao gás da Rússia coloca os governos da UE numa posição difícil - como podem estes terminar com as importações de gás, "espremendo financeiramente" a Rússia, para ajudar a findar esta guerra mais cedo do que mais tarde, e ao mesmo tempo satisfazer as necessidades energéticas dos europeus? Os combustíveis fósseis provaram estar no epicentro deste conflito e, infelizmente, este não é o único exemplo do papel que a energia poluente desempenha na promoção de violência.

Os terminais de GNL e os gasodutos têm desempenhado um papel fulcral no fomento da agitação, violações dos direitos humanos, violência e a própria guerra. O financiamento estrangeiro das infraestruturas do gás é responsável por apoiar à

décadas uma corrupção governamental e condições de trabalho abomináveis noutros países. Por exemplo, o Catar, que tem os maiores fornecedores de GNL tanto a nível mundial como a nível Europeu, tem um historial de violações dos direitos humanos e uma preocupante falta de transparência referente aos impactos da extração de gás em grande escala[44]. Em Moçambique, deu-se um surto de ataques violentos contra as comunidades que habitam nas regiões mapeadas para infra-estruturas de GNL, as pessoas foram desalojadas, as mulheres abusadas e raptadas, e grupos extremistas armados tornaram-se uma realidade frequente - muitas comunidades acreditam que a indústria do gás é a responsável [45]. O resultado tem sido o aumento da violência e instabilidade na área, assim como uma presença militar extremamente forte na região [46].

"É cada vez mais evidente que a construção de um terminal de GNL e a extração de gás em Chipre alimentaram o conflito no Mediterrâneo Oriental. As reclamações da Turquia, Grécia, Israel, Egito e Chipre sobre os depósitos de gás natural no Mar Mediterrâneo, levaram a confrontos navais entre a Grécia e a Turquia - incluindo uma "mini-colisão" [47] entre navios em 2020. Temos ansiosamente assistido a navios de guerra nas nossas águas, trazidos pela exploração do gás fóssil. Foi-nos prometido paz e estabilidade, mas em vez disso temos ameaças e conflitos. Além disso, o terminal de GNL em Chipre (que liga o gasoduto da "EastMed") será construído na aldeia tradicional cipriota-turca, Mari. Uma aldeia que já foi desalojada e que conhece bem os perigos reais de ser usada como um local de armazenamento para materiais perigosos, tendo sido lugar de uma explosão mortal, que matou 13 cipriotas gregos em 2011. Este é um racismo ambiental incontestável que prejudica a cooperação futura, prepara o terreno para um futuro conflito, e que continua a adiar a paz para a nossa ilha."

JOSEF BORAEI & NIKOLAS MICHAEL

Climate Activists from AVLI initiative in Cyprus

O GNL É PERIGOSO

O Compêndio de Descobertas Científicas, Médicas e de Mídia que Demonstram os Riscos e Danos do Fracking afirma que “as instalações de GNL geram segurança, saúde pública e ameaças ao clima” [39].

Embora o Compêndio descreva essencialmente os riscos associados aos terminais de exportação, com efeitos potencialmente dramáticos para as vítimas dos países fornecedores, o GNL enviado para a Europa em navios e regaseificado em terminais de importação também acarreta consideráveis riscos de segurança. “Se queimado na origem, os vapores do GNL podem transformar-se em violentas chamas que ardem a temperaturas mais elevadas que outros combustíveis e que não podem ser extintas. As chamas do GNL ardem a temperaturas tão altas que podem causar queimaduras de segundo grau na pele exposta dentro de um raio de 1,6 km. As instalações do GNL apresentam perigos significativos para as populações circundantes e têm sido identificadas como um potencial alvo de terrorismo [39]. Paralelamente, o Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia tem avaliado múltiplos acidentes e incidentes nas instalações de GNL, descobrindo que “ao longo destes estudos, os especialistas partilham da mesma opinião: o GNL permanece uma substância de alto risco [48]. Nas últimas décadas, vários acidentes graves diretamente relacionados com GNL ocorreram em terminais de GNL. Por exemplo, em 2014 um acidente numa unidade de armazenamento de GNL nos EUA (estado de Washington) levou a inúmeros trabalhadores feridos, centenas de pessoas evacuadas e materiais pesados foram catapultados ao longo de centenas de metros numa intensa explosão [49].

Num terminal de GNL na Argélia, em 2004, um acidente matou 27 pessoas e feriu outras 74 [50]. Muitas vezes, o processo envolvido no GNL corre satisfatoriamente, contudo na maioria dos incidentes onde algo correu mal, as consequências foram desastrosas.

Os riscos associados ao GNL são particularmente perigosos quando os novos terminais de importação de GNL são planeados para perto ou em densas áreas populacionais, nomeadamente o terminal de GNL em Bratislava [51]. Esta proposta exigiria que os navios de GNL passassem próximo de inúmeras cidades grandes, durante o processo de fornecimento de gás por hidrovias. Principalmente em contextos de debates sobre a construção acelerada de infraestruturas de importação de GNL por toda Europa e nos países que se apressam a revitalizar os planos suspensos dos terminais de GNL, as considerações de segurança e as implicações da centralização das infraestruturas de importação, como também a acumulação de quantidades colossais de gases perigosos não podem ser medidas desprezadas. Em oposição, uma produção de energias renováveis descentralizada, limpa e segura protege a segurança das comunidades que, de outra forma, seriam prejudicadas pelo GNL ao longo de toda a sua rede de abastecimento.

“É muito difícil imaginar um combustível fóssil mais aterrorizante que o GNL, que explode quando em contacto com a água, asfixia quando derramado no solo, e transforma-se em nuvens sem odor que instantaneamente congelam o corpo humano quando há uma fuga para o ar. E isto tudo se não incendiar. Quando o fogo começa na origem, os vapores do GNL, conseguem deslocar-se como um fogo flutuante, que arde a temperaturas altas o suficiente para queimar a pele humana exposta ao longo de um raio de 1,6 quilómetros e que não pode ser extinto por nenhuma tecnologia de combate ao fogo conhecida. O GNL é um vilão de banda desenhada, com numerosos super poderes diabólicos que não desempenham qualquer papel num futuro energeticamente sustentável.”

SANDRA STEINGRABER

PhD, Senior Scientist, Science and Environmental Health Network



O GNL É UMA DISTRAÇÃO - EXISTEM SOLUÇÕES COMPROVADAS PARA ABANDONAR O GÁS

Novas pesquisas sugerem que podemos abandonar o gás Russo até 2025 sem a necessidade de novas infraestruturas [52]. Isto faz-nos pensar quão rápido seria o processo para abandonarmos todo o outro gás se o governo mobilizasse o dinheiro e recursos neste momento? Com maior vontade política para mobilizar o dinheiro necessário para financiar esta transição, poderíamos cumprir os objectivos do Acordo Verde Europeu (European Green Deal) mais rapidamente do que o pensado inicialmente.

É preciso começarmos a direcionar os investimentos para as energias renováveis como a solar, eólica, apostar tudo na eletrificação direta e no aquecimento renovável através de bombas de calor. Isto irá tornar as energias renováveis mais acessíveis, bem como implementá-las por todo o continente ao ritmo necessário para nos livrarmos da nossa adição aos combustíveis fósseis. Uma grande parte do gás fóssil importado hoje é utilizada no aquecimento de espaços e de água, tanto para consumo comercial como residencial. Temos à nossa disposição soluções prontas e limpas para responder a estas necessidades energéticas. Simultaneamente, a eletrificação destes consumos irá reduzir significativamente a procura global de aquecimento [53] e melhorar a resiliência, eficiência, acessibilidade e autonomia. Imaginem se trocássemos os navios de GNL dos EUA por "barcos carregados de aparelhos elétricos de alta eficiência e bombas de calor [para] a Europa" e por "turbinas eólicas, componentes elétricos fotovoltaicos e sistemas de armazenamento de baterias", como sugerem os cientistas [53] americanos, pelo menos para uma abordagem a curto prazo do problema.

As energias renováveis irão possibilitar independência energética à Europa, e com iniciativas comunitárias sobre a energia, será possível reunir o poder da produção de energia nas mãos dos cidadãos.

Além disso, estas energias vêm com o bônus muito importante de não "fritarem" o planeta.

A Europa é capaz de reduzir a quantidade de energia que necessita melhorando drasticamente o material de construção e implementando medidas de eficiência energética - isto irá auxiliar a gestão do aumento na procura de energias renováveis tal como irá melhorar a qualidade de vida para muitos europeus. As reformas podem ajudar a tornar o nosso consumo energético mais eficiente, auxiliando a reduzir a necessidade de combustíveis fósseis a curto e a longo prazo, como também facilitar a transição para uma energia limpa. Isto terá de andar sempre par a par com o decréscimo da procura, exigindo que comecemos a pensar mais astutamente sobre as nossas necessidades energéticas, e de uma forma séria e dedicada limpar os nossos resíduos energéticos.

Nós somos capazes de abanar o nosso sistema energético. É possível uma transição justa, na qual o rico não fica mais rico, e o pobre não fica mais pobre. Isto exige uma ação governamental corajosa e uma sociedade civil empenhada e dinâmica. Porém é possível, o caminho existe, e tanto os recursos como o capital estão aqui.

“Priorizar os cidadãos locais e a propriedade pública da produção e fornecimento das energias renováveis não está somente relacionado com a inovação social, mas também com questões de segurança no fornecimento. A *Ecopower*, uma **comunidade** de fornecimento de energia gerida pelos cidadãos na região flamenga da Bélgica, mostra-nos que é possível. A *Ecopower* fornece 2% de todos os lares na zona flamenga e oferece a eletricidade mais barata na zona. Porquê? Porque a cooperativa e, portanto, os seus membros, são proprietários de toda a energia renovável local que necessitam para satisfazer as suas necessidades elétricas. Curiosamente, a *Ecopower* acabou de completar 30 anos de idade. Por que motivo isto é significativo? Porque temos menos de 30 anos até 2050. Temos de dar prioridade mais *Ecopowers* na Europa, e não novas pontes de GNL para lugar nenhum”

JOSH ROBERTS

Senior Policy Advisor at REScoop.eu

NOTAS FINAIS

- 1** Quarterly report on European gas markets (Q4 2021), European Commission, 2022. https://energy.ec.europa.eu/system/files/2022-04/Quarterly%20report%20on%20European%20gas%20markets_Q4%202021.pdf
- 2** There's not enough gas to go around, Seb Kennedy, Energy Flux, 2022. <https://www.energyflux.news/p/theres-not-enough-gas-to-go-around?s=r>
- 3** Presentation on European Gas Demand & Source of Supply, Gazprom, 2017. <https://www.entsog.eu/sites/default/files/entsog-migration/publications/Events/2017/tyndp/2017.12.07%20Presentation%20ENTSOG.pdf>
- 4** LNG Regasification Terminal Construction, ESF Investment Group. <https://esfcompany.com/en/services/lng-regasification-terminals/lng-regasification-terminal-construction/>
- 5** How Long Does it Take to Build an LNG Export Terminal in the United States? Global Energy Monitor, 2022. <https://globalenergymonitor.org/wp-content/uploads/2022/04/GEM-Briefing-LNG-Terminal-Development-Timelines.pdf>
- 6** Consolidated report on the progress of electricity and gas Projects of Common Interest, ACER, 2021. https://documents.acer.europa.eu/Official_documents/Acts_of_the_Agency/Publication/2021_ACER%20Consolidated%20Report%20on%20the%20progress%20of%20electricity%20and%20gas%20Projects%20of%20Common%20Interest.pdf
- 7** Europe Gas Tracker Report, Global Energy Monitor, 2022. https://globalenergymonitor.org/wp-content/uploads/2022/04/EUGasReport2022_final.pdf
- 8** El Musel: The regasification plant in hibernation due to excessive gas infrastructure, Gas: los excesos de un sistema que pagas en la factura, ElDiario & Ballena Blanca. https://especiales.eldiario.es/los_excesos_del_gas/pagina2.html
- 9** New blow for Irish LNG as plans shelved for floating terminal at Cork, S&P Global Commodity Insights, 2021. <https://www.spglobal.com/commodityinsights/en/market-insights/latest-news/natural-gas/011421-new-blow-for-irish-lng-as-plans-shelved-for-floating-terminal-at-cork>
- 10** Energy Efficiency and its contribution to energy security and the 2030 Framework for climate and energy policy, European Commission, 2014. https://ec.europa.eu/energy/sites/ener/files/documents/2014_eec_communication_adopted_0.pdf
- 11** Tweet by Keith D Patch, independent engineer, 2022. "Hydrogen liquefaction in a natgas liquefaction plant is technically impossible." <https://twitter.com/KeithDPatch/status/1501550997046448134>
- 12** High need for gas grid transformation to wean Europe off Russian supply - researchers, Clean Energy Wire, 2022. <https://www.cleanenergywire.org/news/high-need-gas-grid-transformation-wean-europe-russian-supply-researchers>
- 13** The Hydrogen Hype: Gas industry fairy tale or climate horror story? Corporate Europe Observatory, Food & Water Action Europe, Re:Common, 2020. https://www.foodandwater europe.org/wp-content/uploads/2020/12/HydrogenHype_Report2020.pdf
- 14** Event recording: Eurogas "Let's meet" April 2022, see intervention from Gas Infrastructure Europe at 44:50. <https://eurogas.org/event/eurogas-lets-meet-repowereu-where-should-the-gas-sector-be-going/>
- 15** Dangerous Gibbstown LNG Project Isn't Dead Yet, Food & Water Watch, 2022. <https://www.foodandwaterwatch.org/2022/04/05/dangerous-gibbstown-lng-project-isnt-dead-yet/>
- 16** Spain's Gas Pipeline Operator Calls for New Link With France, Bloomberg, 2022. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-04-05/spain-s-gas-pipeline-operator-calls-for-new-link-with-france>
- 17** The Global LNG Market and Long-Term Contracts - A Barrier to Net-Zero 2050, Energy Tracker, 2022. <https://energytracker.asia/the-global-lng-market-and-long-term-contracts-a-barrier-to-net-zero-2050/#:~:text=Covid%2D19%20Pandemic%20and%20the%20LNG%20Industry&text=Today%2C%20the%20norm%20for%20long.contract%20length%20isn%27t%20everything>
- 18** IPCC Sixth Assessment Report, 2022. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg3/>
- 19** A bridge to nowhere: methane emissions and the greenhouse gas footprint of natural gas, Robert W Howarth, Cornell University, 2014. http://www.eeb.cornell.edu/howarth/publications/Howarth_2014_ESE_methane_emissions.pdf
- 20** Carbon Dioxide Emissions Coefficients, US Energy Information Administration, 2021. https://www.eia.gov/environment/emissions/co2_vol_mass.php
- 21** Infographic - LNG imports and emissions, Food & Water Action Europe, 2022. <https://twitter.com/FoodWaterEurope/status/1508822909481103365>
- 22** Zahl der Woche / 8,1 Millionen Tonnen LNG wurden im Januar 2022 nach Europa importiert, BDEW Bundesverband der Energie- und Wasserwirtschaft, 2022. <https://www.bdew.de/presse/presseinformationen/zahl-der-woche-81-millionen-tonnen-lng/#:~:text=Im%20Januar%202022%20haben%20die,davon%2026%20in%20der%20EU>
- 23** Life cycle greenhouse gas perspective on exporting liquefied natural gas from the United States, National Energy Technology Laboratory, 2019. <https://www.energy.gov/sites/prod/files/2019/09/f66/2019%20NETL%20LCA-GHG%20Report.pdf>
- 24** Methane escaping from 'green' gas-powered ships fuelling climate crisis - Investigation, Transport & Environment, 2021. <https://www.transportenvironment.org/discover/methane-escaping-from-green-gas-powered-ships-fuelling-climate-crisis-investigation/>
- 25** Exclusive: Gas infrastructure across Europe leaking planet-warming methane, Reuters, 2022. <https://www.reuters.com/business/environment/exclusive-gas-infrastructure-across-europe-leaking-planet-warming-methane-video-2021-06-24/>
- 26** How Earth observations are informing national greenhouse gas inventories, Climate Home News, 2022. <https://www.climatechangenews.com/2022/04/20/how-earth-observations-are-informing-national-greenhouse-gas-inventories/>
- 27** Methane emissions from the energy sector are 70% higher than official figures, International Energy Agency, 2022. <https://www.iea.org/news/methane-emissions-from-the-energy-sector-are-70-higher-than-official-figures>
- 28** Communication: Tackling rising energy prices: a toolbox for action and support, European Commission, 2021. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52021DC0660&from=EN>
- 29** People living in poverty 'hit harder by gas and electricity bills', new data shows, The Independent, 2021. <https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/energy-bills-poverty-labour-data-b1944464.html>
- 30** Civil society response to the gas price crisis, several NGOs, 2022. <https://righttoenergy.org/wp-content/uploads/2022/03/Gas-crisis-Civil-Society-Response.pdf>

31 Power to the people: Upholding the right to clean, affordable energy for all in the EU, Right to Energy Coalition. <https://righttoenergy.org/wp-content/uploads/2019/02/ep-report-18.02.19.pdf>

32 Gas fact sheet, ACER, 2021. <https://www.acer.europa.eu/gas-factsheet#:~:text=The%20EU%20gas%20network%20is,compressor%20and%20pressure%20reduction%20stations>

33 Top fossil fuel companies made \$65 billion while consumers hit by gas price crisis, Global Witness, 2021. <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/fossil-gas/big-gas-profits/>

34 U.S. Oil and Gas Companies Set to Make Tens of Billions More from Wartime Oil Prices in 2022, Oil Change International, Global Witness, Greenpeace, 2022. <https://priceofoil.org/content/uploads/2022/03/oil-profits-march-2022.pdf>

35 #ExxonKnew, campaign page. <https://exxonknew.org/>

36 ShellKnew, DeSmog. <https://www.desmog.com/shellknew/>

37 The urgent case for a ban on fracking, Food & Water Action Europe, 2015. <https://www.foodandwater europe.org/wp-content/uploads/2017/09/EuropeUrgentBanFrackingFeb2015.pdf>

38 Racial And Economic Justice Are Integral To The Fight For Our Climate, Food & Water Watch, 2021. <https://www.foodandwaterwatch.org/2021/09/10/racial-and-economic-justice-are-integral-to-the-fight-for-our-climate/>

39 The Threat of Fracked Gas Exports in the Rio Grande Valley, The Architectural League NY <https://archleague.org/article/brownsville-fracked-gas-exports/>

40 Fracking with “forever chemicals”, Physicians for Social Responsibility, 2021. <https://www.psr.org/blog/resource/fracking-with-forever-chemicals/>

41 Compendium of Scientific, Medical, and Media Findings Demonstrating Risks and Harms of Fracking (Unconventional Gas and Oil Extraction) - 7th edition, Concerned Health Professionals of NY and Physicians for Social Responsibility, 2020. <https://www.psr.org/wp-content/uploads/2020/12/fracking-science-compendium-7>

42 Joint Statement between the United States and the European Commission on European Energy Security, 2022. <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/03/25/joint-statement-between-the-united-states-and-the-european-commission-on-european-energy-security/>

43 Natural gas explained. Where our natural gas comes from, US Energy Information Administration, 2022. <https://www.eia.gov/energyexplained/natural-gas/where-our-natural-gas-comes-from.php>

44 World Report 2022 - Qatar, Human Rights Watch 2022. <https://www.hrw.org/world-report/2022/country-chapters/qatar>

45 Gas in Mozambique. A windfall for the industry, a curse for the country, Friends of the Earth International, Les Amis de la Terre France, Ja! Friends of the Earth Mozambique, 2020. <https://www.foei.org/wp-content/uploads/2021/05/Gas-in-Mozambique-Friends-of-the-Earth-Executive-Summary-English.pdf>

46 The impacts of the LNG industry in Cabo Delgado, Mozambique, Ja! Friends of the Earth Mozambique, 2020. <https://www.banktrack.org/download/the-impacts-of-the-lng-industry-in-cabo-delgado-mozambique/impacts-of-lng-in-mozambique-by-ja.pdf>

47 Greek, Turkish warships in ‘mini collision’ Ankara calls provocative, Reuters, 2020. <https://www.reuters.com/article/us-greece-turkey-warships/greek-turkish-warships-in-mini-collision-ankara-calls-provocative-idUSKCN25A161>

48 Chemical Accident Prevention & Preparedness - Learning from incidents involving liquefied natural gas (LNG) on fixed sites, Minerva - European Commission, 2020. https://minerva.irc.ec.europa.eu/en/shorturl/minerva/13_mahb_bulletin_no13lngv1

49 The Storage and Transportation of LNG: What Could Go Wrong? Delaware Currents, 2021. <https://delawarecurrents.org/2021/03/11/the-storage-and-transportation-of-lng-what-could-go-wrong/>

50 Liquefied Natural Gas (LNG) Infrastructure Security: Issues for Congress, Congressional Research Service, 2008. <https://www.hsdl.org/?view&did=486464>

51 Bratislava port to get its own €40 million LNG terminal, Euractiv, 2021. https://www.euractiv.com/section/politics/short_news/bratislava-port-to-get-its-own-e40-million-lng-terminal/

52 EU can stop Russian gas imports by 2025, Ember, E3G, Bellona and RAP, 2022. <https://www.raponline.org/knowledge-center/eu-can-stop-russian-gas-imports-by-2025/>

53 LNG exports will add to climate change, The Hill, 2022. <https://thehill.com/opinion/energy-environment/3271511-lng-exports-will-add-to-climate-change/>

Os recursos a vermelho são leituras base sobre o gás e o GNL

ACKNOWLEDGEMENTS

Esta é uma tradução de um documento de Friends of the Earth Europe e Food & Water Action Europe pelo coletivo Climáximo, com a permissão das organizações supramencionadas.

Thank you to our translators

Catarina Antunes, Inês Matos Lara Carvalho

O relatório original em inglês pode ser acedido aqui: [here](#) & [here](#).

Autores:

Frida Kieninger & Eilidh Robb

Agradecimentos aos nossos editores:

Colin Roche, Kate DeAngelis, Mitch Jones, Martha Myers & Fran Gater

Agradecimentos aos nossos designers:

Blush Design Agency

Publicado a Maio de 2022

Nota: este relatório é direcionado ao público europeu, tendo sido escrito com essa perspetiva.



Friends of the Earth Europe

Eilidh Robb
Fossil Gas Campaigner
eilidh.rob主@foeeurope.org
www.friendsoftheearth.eu



Food & Water Action Europe

Frida Kieninger
Director of EU Affairs
fkieninger@fweurope.org
www.foodandwatereurope.org



CLIMAXIMO

Climáximo

Mariana Rodrigues
Fossil Gas Campaigner
climaximo@riseup.net
www.climaximo.pt
www.gasparatras.pt